

**REPRESENTAÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL
PORTUGUESA NO ROMANCE *OS CUS DE JUDAS*,
DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES**

Leonardo von Pfeil Rommel¹

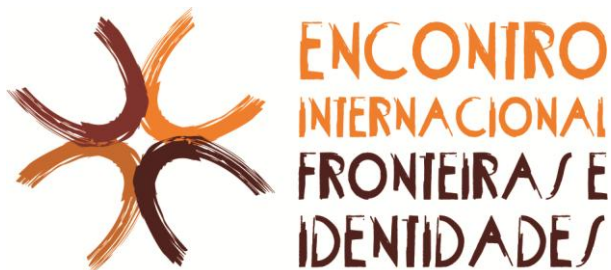
Resumo: O presente trabalho busca analisar o processo de representação e desconstrução da identidade nacional portuguesa no romance *Os cus de Judas* (1979), de António Lobo Antunes. Historicamente concebida como uma nação forjada pelas grandes glórias e descobrimentos possibilitados pelas navegações, Portugal constituiu sua identidade nacional num contexto permeado pela ideologia expansionista, privilegiando sempre a manutenção de ideais como a bravura e a coragem. O culto à identidade mítica nacional e a incessante busca pelo resgate do glorioso passado mostram-se presentes de forma marcante no imaginário e na cultura portuguesa. A narrativa elaborada por António Lobo Antunes em *Os cus de Judas* subverte os ideais nacionalistas e políticos, caracterizando-se por desempenhar um papel antiépico, realista e revelador do real *status* político, social e cultural de Portugal no século XX.

O presente trabalho busca analisar o processo de representação e desconstrução da identidade nacional portuguesa no romance *Os cus de Judas* (1979), de António Lobo Antunes, publicado em um contexto histórico, político e social altamente efervescente em que Portugal encontrava-se logo após a Revolução dos Cravos e o final da Guerra Colonial na África.

Historicamente concebida como uma nação forjada pelas grandes glórias e descobrimentos possibilitados pelas navegações, Portugal constituiu sua identidade nacional num contexto permeado pela ideologia expansionista, que visava conquistar novas terras e espaços ao redor do planeta para o progresso e avanço da nação, valorizando sempre ideais como a bravura e a coragem.

O empreendimento das navegações e da expansão territorial era discursivamente apoiado e justificado pela monarquia portuguesa como uma forma de manutenção da imagem da nação como Império, dotado de características místicas, responsável pela propagação da Fé Cristã pelo mundo.

¹ Leonardo von Pfeil Rommel. UFPEL. Mestrando em Literatura Comparada. CAPES. Email: lvpfeil@hotmail.com



Uma identidade nacional apoia-se sempre em uma construção discursiva que privilegia a narração e a valorização do passado de forma atemporal, conectando-se ao presente, também exaltado, e, finalmente, lançando-se para um futuro promissor. De acordo com Stuart Hall, tem-se que:

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (...). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 1992, p. 31).

O culto à identidade mítica e orgulho pátrio aparecem representados também na literatura nacional, que durante vários estágios evolutivos na História do país privilegiou e tematizou a constante busca pelo resgate do glorioso passado, mergulhado em decadência após o final do período das grandes navegações.

A grande epopeia nacional representada nos versos épicos da obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, e em *Mensagem* e *Ode Marítima*, do poeta Fernando Pessoa, são exemplos de como o imaginário social e identitário permeavam a produção cultural e literária de Portugal, incentivando a valorização dos valores míticos nacionais, servindo assim, como mote para o processo de retomada e recuperação dos valores identitários.

A narrativa elaborada por Lobo Antunes em *Os Cus de Judas* subverte os ideais nacionalistas e políticos, caracterizando-se por desempenhar um papel antiépico, altamente crítico, realista e revelador do *status* político, cultural e social de sua nação no século XX, logo após a Revolução dos Cravos e o final dos combates da Guerra Colonial.

Esse romance é um grito de “basta” aos métodos e ações perpetrados pelo colonizador. Desse modo, a matéria narrativa de *Os Cus de Judas* é antiépica, pois, contrariamente ao espírito desse gênero, não glorifica os grandes empreendimentos de conquista portugueses e seus métodos, mas critica-os duramente. (OLIVEIRA, p.13).

O grito de “basta” é materializado na narrativa do protagonista do romance, um médico português, recém retornado da guerra colonial em Angola onde esteve a serviço do Exército nacional, que narra e rememora sua traumática experiência em meio ao violento conflito armado durante os vinte e quatro meses em que lá esteve presente.



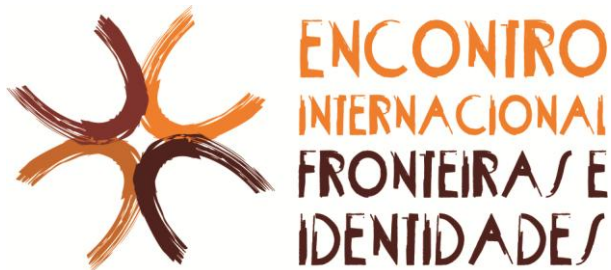
Através do relato do protagonista da narrativa, um ex-combatente do Exército Nacional, desfragmentado pela brutal experiência da guerra, que não consegue readaptar-se aos padrões burgueses pregados pela sociedade desde sua infância e constituição como indivíduo, tem-se uma severa crítica aos ideais político nacionalistas e aos motivos que originaram e embasaram a Guerra Colonial.

Mas o destroço em que se tornou o herói é o reflexo de um país que o formou e que lhe determinou a ação. A decrepitude do país contrasta com a imagem de Grande Império que se tenta manter ilusoriamente, através da figura onipresente de Salazar, da repressão praticada pela ditadura e da assunção de valores anquilosados pela família portuguesa. É dentro desse cenário que se forma o herói: vivendo sob o peso dos antepassados ilustres.(...) A personagem recebe uma educação que privilegia o moralismo, a tradição. Mas, ao cumprir o que se esperava dela, a personagem é marginalizada. (GOMES, 1993, p. 59).

O peso dos antepassados ilustres, a influência da família e os padrões pregados pela sociedade burguesa, empurram o herói da narrativa para o alistamento no exército, vindo com muito boas expectativas sua participação no conflito, admirando a política de Estado da ditadura de Salazar, amplamente presente e defendida pela instituição religiosa e por diversas áreas da sociedade portuguesa: “O espectro de Salazar pairava sobre as calvas pias labaredzinhas de Espírito Santo corporativo, salvando-nos da ideia tenebrosa e deletéria do socialismo. A Pide prosseguia corajosamente a sua valorosa cruzada contra a noção sinistra de democracia.” (ANTUNES, 1979, p13).

Durante o processo de rememoração da infância e da adolescência que ocorre nos primeiros capítulos do romance, o narrador tece duras críticas a essa sociedade burguesa e aos seus decrepitos padrões morais pregados e estabelecidos pela ditadura, que visavam sempre manter a identidade nacional firme e ativa.

As tias instalavam-se a custo no rebordo de poltronas gigantescas decoradas por filigranas de crochet, serviam o chá em bules trabalhados como custódias manuelinas, e completavam a jaculatória designando com a colher do açúcar fotografias de generais furibundos, falecidos antes do meu nascimento após gloriosos combates de gamão e de bilhar em messes melancólicas como salas de jantar vazias, de Últimas Ceias substituídas por gravuras de batalha: - Felizmente que a tropa há-de torná-lo um homem. (ANTUNES, 1979, p.13).



A participação na guerra serviria como uma espécie de metamorfose, que seria responsável por transformar o ainda jovem e inexperiente médico em um “verdadeiro homem”, a fim de que pudesse tornar-se um representante digno e verídico da história familiar, portador das virtudes de seus gloriosos antepassados, ironicamente designados pelo narrador como furibundos generais participantes de “gloriosos combates de gamão e de bilhar”, falecidos muito antes do seu nascimento.

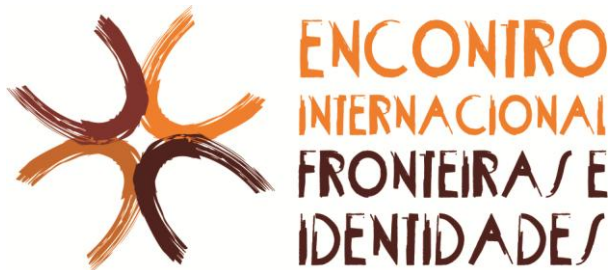
O embarque do protagonista para a guerra colonial em Angola é acompanhado com júbilo e orgulho pelos seus familiares, sendo por ele descrito como um triste e cruel quadro da inoperância e submissão sociais perante os efeitos da ditadura comandada por Salazar.

De modo que quando embarquei para Angola, a bordo de um navio cheio de tropas, para me tornar finalmente homem, a tribo, agradecida ao Governo que me possibilitava, grátis, uma tal metamorfose, compareceu em peso no cais, consentindo, num arroubode fervor patriótico, ser acotovelada por uma multidão agitada e anónima semelhante à do quadro da guilhotina, que ali vinha assistir, impotente, à sua própria morte. (ANTUNES, 1979, p.14).

O protagonista, habitante de um espaço estritamente urbano, como a cidade de Lisboa, local em que viveu durante toda sua vida, advindo de um pequeno país na Europa, envelhecido e decadente, encontra-se desembarcado no singular continente africano, imerso em uma violenta guerra em que o Exército português travava enfrentamentos contra o Movimento Popular pela Libertação de Angola, o MPLA, que buscava a libertação do colonialismo imposto pelo país europeu.

Ao desembarcar no continente africano, a identidade lusitana do protagonista, europeia por excelência, sofre uma espécie de contraste e choque de experiências sensoriais, a paisagem e o ambiente de Angola lhe soam estranhos, as primeiras impressões a respeito da terra de África são norteadas por um sentimento de fragmentação e desconcerto perante a experiência neste “novo” mundo.

Esses sentimentos de deslumbramento e ineditismo perante as diversas singularidades naturais do continente africano durante a viagem da tropa pelo interior de Angola atuam na forma de elementos responsáveis pelo processo de desconstrução da identidade do protagonista, que se percebe deslocado em um ambiente totalmente novo, totalmente estrangeiro e diferenciado.



(...) e você acordava numa camioneta, não muito confortável, é certo, e cheia de tropas, é verdade, mas circulando numa paisagem inimaginável, onde tudo flutua, as cores, as árvores, os gigantescos contornos das coisas, o céu abrindo e fechando escadarias de nuvens em que a vista tropeça até cair de costas, como um grande pássaro extasiado. (ANTUNES, 1979, p.32).

A terra africana mostra-se pujante e forte frente ao homem branco, o português colonizador, que na figura do protagonista, refazendo os passos dos seus míticos e bravos ancestrais se vê obrigado a retornar à força para o continente africano, mas desta vez não dotado do glorioso intuito do crescimento e da expansão, mas sim imbuído de um sentimento de retomada e manutenção das posses e do orgulho identitário nacional, na ocasião ameaçados pelo ímpeto libertador do povo angolano.

A violência, a injustiça e os horrores da guerra em Angola são retratados pelo protagonista, revelando as reais condições que permeavam o processo de colonização, contrastando com o discurso amplamente defendido pela propaganda do Estado Novo do governo de Salazar, que vendia a guerra e a dominação dos povos africanos como uma forma de expansão territorial do Império português.

As péssimas condições em que encontravam-se os soldados, vivenciando e compartilhando a “aprendizagem da agonia”, a espera da morte e de um distante retorno às suas casas, a disseminação das doenças, a violência e forte repressão contra os partidários do MPLA e contra o povo africano que lutava pela libertação de seu país são apresentados pelo protagonista, que concede voz e lugar na história ao povo massacrado e aos companheiros mortos em nome do absurdo conflito defendido arduamente pela sua pátria.

Mais tarde, na Baixa do Cassanje, ouvi falar do enforcamento de um jinga para a edificação da senzala, e dos negros que cavavam um buraco na mata, desciam para dentro, e aguardavam pacientemente que lhes rebentassem a cabeça a tiro e os cobrissem de areia, puxando um cobertor de terra por sobre o sangue dos cadáveres. (ANTUNES, 1979, p.42).

A marcante e dura experiência na Guerra Colonial acaba por fragmentar totalmente a identidade do narrador – protagonista, que inclusive passa a temer pela hora do seu retorno a Portugal, prevendo a sua difícil e impossível readaptação à sociedade após os traumáticos acontecimentos presenciados.

De acordo com o relato apresentado na obra *O regresso das caravelas* de João Paulo Guerra (2009), a partir do surgimento dos movimentos que reivindicavam a independência



nas várias colônias, foram enviados à África, durante treze anos, 820.000 jovens portugueses, com registros de 8.831 mortos e cerca de 30.000 feridos, sendo 15.000 deficientes ou mutilados. Estes números evidenciam a violência dos conflitos e a profunda marca social que tal guerra deixaria na nação portuguesa e nas ex-colônias africanas.

O fato de o narrador – protagonista ser um médico que retornou da guerra faz com que tenha-se acesso aos relatos de violência, da miséria do povo africano e da traumática e conturbada situação dos soldados que retornam traumatizados, muitas vezes mutilados e incapazes de se reincorporarem ao convívio social de maneira natural.

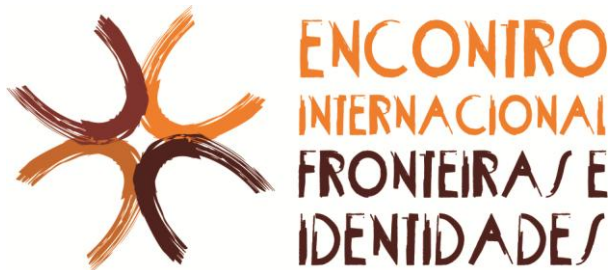
Notamos que as referências aos acontecimentos do Portugal contemporâneo, como a Guerra Colonial e a Revolução dos Cravos, suscitam a problematização do país enquanto nação constituída discursivamente. Com ironia, o autor tece o avesso das “verdades” humanistas da expansão territorial e da colonização, substituindo a memória daqueles que expandiram a Fé e o Império pela memória daqueles silenciados em nome dessa memória, como os retornados da África. (SILVA, 2012, p.45).

O drama dos retornados do conflito contrasta com a identidade nacional portuguesa, que pregava os ideais de força, coragem e conquista, pois muitos dos soldados que voltaram não mais se adaptaram à sociedade, assim como o protagonista do romance. Muitos soldados são acometidos por diversas perturbações psicológicas crônicas, além de ironicamente voltarem “derrotados”, pois os países africanos acabaram por conquistar sua independência após a queda do regime ditatorial comandado por Salazar.

Os retornados tornam-se então marginalizados pela sociedade, tanto pelas suas condições físicas e psicológicas como pelo estigma da derrota, desmerecendo a mítica imagem do português heroico e desbravador dos mares. Lobo Antunes trata de aclarar estas traumáticas passagens da história nacional no decorrer do romance, questionando a identidade portuguesa e desconstruindo-a através do seu tom irônico e revelador.

Quanto ao povo português – que a sério nada conhecia do fabuloso e mágico império – só tomará realmente consciência dos acontecimentos quando após as independências de Angola e Moçambique centenas de milhares de retornados invadem de súbito a pacífica e bonacheirona terra lusitana (...). (LOURENÇO, 2007, p.63).

Eduardo Lourenço enfatiza que o retorno dos combatentes a Portugal desempenha o papel de um acontecimento revelador, pois torna visíveis à sociedade os resultados da



violência dos conflitos nas colônias africanas, que antes eram mascarados pela propaganda da ditadura militar, fazendo com que, de súbito, a imagem do Portugal Império, mítico e intransponível, seja jogada por terra.

Na figura do protagonista do romance, tem-se evidenciada a incessante busca pela aceitação da sociedade, pois o mesmo deixa de exercer a Medicina, rompe praticamente todos os vínculos afetivos que mantinha com seus amigos e familiares, e passa a levar uma vida desregrada, tipicamente noturna, envolto sempre na atmosfera dos bares de Lisboa, sempre acompanhado pela bebida alcoólica, que torna-se uma espécie de sua companheira na travessia da noite e durante a angústia das recordações traumáticas que lhe assombram constantemente.

Quando empreende visita às tias, ouve o severo veredicto, monumento da incompreensão social: “- Estás mais magro. Sempre esperei que a tropa te tornasse um homem, mas contigo não há nada a fazer. E os retratos dos generais defuntos nas consolas aprovaram com feroz acordo a evidência desta desgraça” (ANTUNES, 1979, p.196).

A identidade da nação portuguesa sofre severas desconjunturas no decorrer das últimas décadas do século XX, após o final da Guerra Colonial na África, e após o fim da ditadura do Estado Novo regido por Salazar. Tais reflexos históricos, fazem com que inicie-se uma nova busca pela identidade, pondo em jogo novamente o contraste entre passado e presente.

Mas, uma vez terminada a aventura, desfeito o império da história, transformado numa mera carga de sonhos e precioso comércio do Oriente, restava-nos como herança um Portugal pequeno e um imenso cais, onde durante séculos relembramos a nossa aventura, numa mistura inextricável de autoglorificação e de profundo sentimento de decadência e de saudade.(LOURENÇO, 2001, p.58).

O romance de Lobo Antunes situa Portugal no seu tempo presente, possibilitando uma nova forma de narrar a história do país no século XX, evidenciando as tragédias da guerra e dando voz aos que brutalmente foram calados pela violência colonial em prol da manutenção da força econômica e política da nação.

A representação do drama social enfrentado pelos combatentes retornados da Guerra Colonial promove uma cisão no discurso nacionalista, problematizando a questão da identidade nacional e instaurando um processo de reflexão que contempla as questões sociais,



políticas e econômicas no país após a Revolução dos Cravos e o processo do colonialismo na África.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ARNAUT, Ana Paula. **António Lobo Antunes**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009.

GUERRA, João Paulo. **O regresso das caravelas**. Lisboa: Oficina do Livro, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da Saudade**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____ **A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi e MAGNOLI, Demétrio. **Os cus de Judas: A antiepopéia**. IN: *Discutindo Literatura*. São Paulo: Escala educacional. Ano I, n°4, p.12-21.

SEIXO, Maria Alzira. **Dicionário da obra de António Lobo Antunes**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

SILVA, A.P. **“Aprendizagem da agonia” em Os cus de Judas de António Lobo Antunes**. 2012. 105f. Dissertação de Mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa.